

A SEMANA – 94

John Gledson

A notícia que inspirou o primeiro assunto desta crônica saiu na *Gazeta de Notícias* no dia 13 de março, dois dias *depois* dela. Explica-se: o longo artigo, intitulado “O Príncipe da Trindade”, em que constam muitos detalhes que Machado usa, fora “transcrito do *Figaro*, de Paris”. Pode ser que Machado tenha lido noutro jornal, ou até que tenha visto a reportagem original na redação da *Gazeta*. O aventureiro americano James Harden-Hickey tinha parado no Atlântico Sul em fins de 1893, e se tinha proclamado Príncipe James I da ilha da Trindade. Em nota, citamos mais alguns detalhes desse episódio, cômico sem dúvida – “de opereta” como diz o *Figaro* – mas profundamente típico deste período de imperialismo aventureiro: um miniencilhamento, de fato, com emissão de “obrigações” aos futuros colonos, e trabalho praticamente escravo. Em 1897, depois de uma tentativa britânica de se apoderar de mais essa ilha atlântica (já possuía Santa Helena, Ascensão, Tristão da Cunha e as Malvinas), o Brasil ficou com ela definitivamente. Ver também a crônica de 18 de julho de 1895.

Enquanto isso, o Encilhamento original continuava a fazer estragos – a quebra do conde Sebastião de Pinho, com título português quase tão recente como o do “Príncipe” Harden-Hickey, é típica. Quem se beneficiaria do que restava era o credor principal, a Companhia Forjas e Estaleiros; os credores menores não recebiam nada. O tema das dívidas colossais, mais fáceis de suportar que as menores, é reiterado por Machado, e reaparece, por exemplo, no conto “Suje-se gordo!”

Esta crônica consta de *A Semana*, de Mário de Alencar, p. 115-119.



A SEMANA

11 de março de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Escrevo com o pé no estribo. É um modo de dizer, que talvez esteja prestes a mudar de clima. Para onde, não sei. Se consultasse o meu desejo, iria para a ilha da Trindade. Pelo que leio, foi um cidadão norte-americano, casado com uma linda moça de New York, que entrou pela ilha dentro, não achou viva alma, tomou conta do território e trata de colonizá-lo.¹ Dizem as notícias que a ilha será um principado, e já tem o seu brasão: um triângulo de ouro com uma coroa ducal. Dizem mais que o posseiro já embarcou para a Europa, a fim de ser reconhecido pelas potências. Justamente o contrário do que eu faria; mas se os gostos fossem iguais, já não haveria mundo neste mundo.

Eu, entrado que fosse na ilha, começava por não sair mais dela; far-me-ia rei sem súditos. Ficaríamos três pessoas, eu, a rainha e um cozinheiro. Mais tarde, poetas e

¹ Eis aqui alguns trechos do artigo do *Figaro*, transcrito na *Gazeta* no dia 13 de março: “Há já três meses que o *New York Herald* anunciou a nova e surpreendente encarnação do Sr. Harden Hickey, hoje príncipe soberano da Ilha da Trindade. Depois disso, os acontecimentos progrediram, e a chancelaria do novo príncipe, provisoriamente assentada em New York, 18, West Fifty-Second Street, noticiou oficialmente às potências dos dois mundos que tomara posse da ilha da Trindade, e que, atenta à ausência de habitantes, se proclamara ele próprio príncipe soberano.” (...) “Deixando a França [Harden-Hickey] foi para a América. Chegando aos Estados Unidos, fundou um jornal católico, e pouco depois casou-se com miss Fagler, uma americana rica.” (...) “Os moradores achariam também alimentação abundante e sérios recursos industriais no peixe e nas tartarugas, que pululam nos arredores da ilha, assim como nas aves marinhas, que ali se reúnem em quantidade enorme e formam importantes depósitos de guano. Foi naquele canto paradisíaco, espécie de pequeno Peru [o Peru tinha explorado o guano das suas ilhas, vendido como fertilizante, um célebre *boom*], que o barão Harden Hickey pensou em coroar a série das suas aventuras, criando um minúsculo reino ideal (...). Efetivamente, o príncipe adota como forma de governo uma ditadura militar. (...) O principado da Trindade será um quartel, onde qualquer ato de insubordinação ou qualquer delito trará a expulsão imediata. Os primeiros colonos serão homens escolhidos, que o barão recrutará pela engenhosa forma que se segue: o Estado emitirá obrigações até 500.000 francos, sendo cada uma de 1.000 francos. Todo subscritor de dez obrigações terá direito ao transporte para a ilha, à alimentação e custeio durante um ano após a chegada (...). Afora estes colonos-subscritores, que de alguma sorte constituirão a aristocracia do principado, serão recrutados negros ou coolies para o trabalho rude, a que os brancos não se podem entregar num clima tropical. As armas do principado da Trindade consistem num triângulo em campo de goles, dentro dum escudo coberto por uma coroa quase semelhante à dos príncipes do santo império.”

historiadores concordariam em dizer que as três pessoas da ilha é que deram ocasião ao título desta; a diferença é que os poetas diriam a coisa em verso, sem documentos, e os historiadores di-la-iam em prosa com documentos. Entretanto, não só o título é anterior, mas não haveria em mim a menor intenção simbólica.

Rei sem súditos! Oh! sonho sublime! imaginação única! Rei sem ter a quem governar, nem a quem ouvisse, sem petições, nem aborrecimentos. Não haveria partido que me atacasse, que me espiasse, que me caluniasse, nem partido que me bajulasse, que me beijasse os pés, que me chamasse sol radiante, leão indômito, cofre de virtude, o ar e a vida do universo. Quando me nascesse uma espinha na cara, não haveria uma corte inteira para me dizer que era uma flor, uma açucena, que todas as pessoas bem constituídas usavam por enfeite:² nenhum, mais engenhoso que os outros, acrescentaria: “Senhor, a natureza também tem as suas modas.” Se eu perdesse um pé, não teria o desprazer de ver coxear os meus vassalos.

Entretanto, para que a mentira não se pudesse supor exilada do meu reino, eu ensinaria à rainha e ao cozinheiro uma geografia nova; dir-lhes-ia que a terra era um pão de açúcar, ou uma pirâmide, para ser mais egípcio, e que a minha ilha era o cume da pirâmide. Tudo mais estava abaixo. O sol não era propriamente um sol, mas um mensageiro que me traria todos os dias as saudações da parte inferior da terra. As estrelas, suas filhas, incumbidas de velar-me à noite, eram as aias destinadas unicamente ao rei da Trindade.

– Mas também em Nova York há estrelas e na Virgínia, e na Califórnia, diria a rainha da Trindade durante as primeiras lições.

– Jasmim do Cabo (este é o nome que eu lhe daria), Jasmim do Cabo e do meu coração, as estrelas de Nova York, da Califórnia e da Virgínia não são filhas do sol, mas enteadas. Hás de saber que o sol é casado em segundas núpcias com a lua, que lhe trouxe todas essas filhas que operam lá embaixo. As daqui são filhas dele mesmo; são as de raça pura e divina.

E eu acabaria crendo nos meus próprios sonhos, que é a vantagem deles, e a mais positiva do mundo. Prova disso é a notícia da moratória dada esta semana a um comerciante, por credores de cerca de sete mil contos.³ Foi tal o efeito que isto produziu em mim, que eu entrei a supor-me devedor de sete, de dez, de vinte mil contos. Comecei por uma pontinha de inveja; não pela moratória, que para mim seria indiferente; com ela ou sem ela, o principal é dever tantos mil contos de réis. As pequenas dívidas são

² Aqui, Aurélio tem ponto e vírgula.

³ A notícia sobre esta moratória, concedida ao conde Sebastião de Pinho (título criado em 29 de julho de 1891 pelo rei de Portugal), apareceu na primeira página da *Gazeta* na terça-feira, 6 de março. “Foi concedida a moratória por todos os credores quirografários [isto é, que não gozavam de preferência em relação aos demais], representando a importância de 6.797:565\$000 (...). O Dr. juiz declarou que, à vista da deliberação dos credores, havia por homologada a concessão da moratória impetrada, nos termos do art. 115 do decreto 917 de 1890.”

aborrecidas como moscas. As grandes, logicamente, deviam ser terríveis como leões, e são mansíssimas.

Cri-me devedor dos sete mil contos, tanto mais feliz quanto que não lidara com dinheiros tão altos. Este sonho, que afligiria a espíritos menos sublimes, para mim foi tal que se converteu em realidade, e não pude acabar de crer que não devia nada, quando o meu criado me quis provar hoje de manhã que todas as minhas pequenas contas estavam pagas. As pequenas, creio; mas as grandes? Sim, eu devo ainda, pelo menos, uns cinco mil contos. Que não posso dever vinte mil! Quem não prefere ser devedor de vinte mil contos, a ser credor de quatro patacas?

Demais, tenho veneração aos grandes números. Acho que a marcha da civilização explica-se pelo crescimento numérico dos séculos. Que podia ser o século IV em comparação com o século XIX? Que poderá ser o século XIX, em comparação com o século MDCCCLXXXVIII? O maior número implica maior perfeição.

Vede o obituário. À medida que vai crescendo, deixa de ser a lista vulgar dos outros dias: impõe, aterra. Já é alguma coisa morrerem para mais de cento e setenta pessoas.⁴ Podemos chegar a duzentas e a trezentas. Certamente não é alegre; há espetáculos mais joviais, leituras mais leves; mas o interesse não está na leveza nem na alegria. A tragédia é terrível, é pavorosa, mas é interessante. Depois, se é verdade que os mortos governam os vivos,⁵ também o é que os vivos vivem dos mortos. Esta outra ideia é banal, mas não podemos deixar de reconhecer que os alugadores de carros, os cocheiros, os farmacêuticos, os físicos (para falar à antiga),⁶ os marmoristas, os escritvães, os juizes, alfaiates, sem contar a Empresa Funerária, ganham com o que os outros perdem. *Ex fumo dare lucem.*⁷

Mas deixemos números tristes, e venhamos aos alegres. O dos concorrentes literários da *Gazeta* é respeitável.⁸ Por maior que seja a lista dos escritos fracos, certo é

⁴ Na quinta-feira, dia 8 de março, numa notícia sem destaque, a *Gazeta* diz: “Sepultaram-se anteontem nos cemitérios desta capital 178 pessoas, das quais faleceram de acesso pernicioso 8, febre amarela 102, outras febres 13.”

⁵ Lema positivista, escrito, p. ex., na entrada da Igreja Positivista no Rio de Janeiro, e que se origina no *Catéchisme positiviste*, de Auguste Comte (1798-1857): “Les morts gouvernent les vivants”.

⁶ Isto é, médicos.

⁷ O lema da companhia do gás, citado da *Ars poetica* de Horácio. Ver a crônica de 21 de agosto de 1892, nota 1. Na *Gazeta*: *Ex fumo darem lucem*.

⁸ Anuncia-se na *Gazeta* na terça-feira, dia 6 de março, que Machado, junto com Sílvio Romero, Silva Ramos, Capistrano de Abreu e Ferreira de Araújo, participaria do júri deste concurso, promovido em parte para “aliviar as graves tensões” criadas pela Revolta, segundo uma nota a respeito na *Correspondência* de Machado, v. 3, p. 40-41. O resultado fora anunciado na sexta-feira, 9 de março, e o primeiro prêmio foi dado a Carlos Magalhães de Azeredo (ver nota seguinte) pelo conto “Beijos... Beijos...” O relatório do júri transcrito nesse dia é um curioso documento sobre os gostos literários da época e do momento. Dos 91 contos submetidos, foram postos fora de concurso 61. Dos restantes, comentam alguns, na *Gazeta* de 9 de março. “A *Provinciana* é um conto bem feito; não o premiamos nem publicamos, porque o assunto é fresco demais para o jornal, cuja leitura as mães permitem às filhas, e principalmente porque um de nós tem ideia de ter lido coisa parecida em um livro de Guy de Maupassant”. Há outras insinuações de plágio e até de tradução.

que ainda ficou boa soma de outros, e dos vencidos ainda os haverá que pugnem mais tarde e vençam. Bom é que, no meio das preocupações de outra ordem, as musas não tenham perdido os seus devotos e ganhem novos. Magalhães de Azeredo,⁹ que ficou à frente de todos, pode servir de exemplo aos que, tendo talento como ele, quiserem perseverar do mesmo modo. Vivam as musas! Essas belas moças antigas não envelhecem nem desfeiam. Afinal é o que há mais firme debaixo do sol.



⁹ Carlos Magalhães de Azeredo (1872-1963): poeta jovem e amigo de Machado, que carteara com ele desde 1889 e que depois ingressou na diplomacia. A volumosa correspondência entre ambos está publicada e encontra-se, otimamente anotada, na edição da *Correspondência* de Machado publicada pela Academia Brasileira de Letras. As *Memórias* de Azeredo, também publicadas pela Academia, de que foi um dos membros fundadores, e que cobrem a sua infância e juventude, vão até 1898. São muito interessantes para quem quiser conhecer a época, bem escritas, se bem que às vezes um tanto piegas. Na *Gazeta*, está Magalhães Azeredo, sem “de”.